

# CURAS E BÊNÇÃOS



**Sinhá Ana, a benzedeira**

*Ela ficava no velho cemitério, até que foi loteado*

**Farmácia da terra**

*Os remédios estavam na rua e no quintal*

**Santa Casa, hospital moderno**

*Nos anos 40, Ourinhos já fazia cirurgias*

**Chás e benzeduras, a saúde na Vila**

*Sem vacinas, sem remédios, a benzedura ajudava*

**Padre Duílio caiu do céu**

*Sim, havia médicos, para as urgências*



## Sinhá Ana, a benzedeira

*Clyseide B. Escobar Gavião*

Faz muito, muito tempo: no cemitério velho e desativado, as crianças corriam e brincavam, entre flores multicoloridas e borboletas que voavam.

Lá, num cantinho afastado, em uma casinha de madeira, morava uma velhinha, Sinhá Ana, junto com seu filho, também já idoso. Tinham um fogão à lenha, algumas poucas velhas panelas e dois ou três bancos de madeira, onde recebiam muitas visitas.

As pessoas queriam ser benzidas e curadas pela Sinhá Ana. Ou queriam que ela visse sua sorte, seu futuro. Eram, quase sempre, mocinhas bonitas e perfumadas, poucas senhoras.

Era um cotidiano feliz. Crianças, borboletas e visitas. Mas o lugar foi loteado. As crianças foram sumindo. Não se ouviu mais falar em dona Ana.

Parece que fizeram ali uma cadeia onde os presos, à noite, viam assombrações do antigo cemitério.

***O Cemitério Municipal de Ourinhos foi inaugurado em 1928. Antes, havia um pequeno cemitério, na Avenida Jacinto Ferreira de Sá, encostado nos trilhos do trem, no extremo oposto da Raposo Tavares, onde hoje é o Centro de Ressocialização. Era ali que Sinhá Ana benzia pessoas e lia futuros.***





# Farmácia da Terra

*Agenor Rossignoli*

Eu ia lá na linha do trem, pegar erva cidreira prá mode fazer chá. Lá em casa tinha arruda, alecrim, hortelã, guaco. Na rua, tinha outras ervas.

Farmácia só quando o assunto era muito sério.

Tinha um matinho, eu não me lembro o nome, que eu pegava de monte, prá fazer vassoura, prá mode varrer o forno quando ia fazer pão.

Acho que adquirimos muitos anticorpos na infância. Por isso que tamo tudo véio.





# Santa Casa, hospital moderno

*Relatado por Joaquim Luiz Bessa Neto*

- Quem me operou foram os bichos, o Leão e o Lobo!

Nos meus seis anos de idade, em 1945, alguém, por malvadeza, tinha me ensinado a responder assim, quando falavam na minha recente operação de apendicite. É que o cirurgião tinha sido o dr. Hermelino Leão e o anestesista o doutor Lobo.

Esse fato, banal, na verdade, comprova que Ourinhos, a partir dos anos quarenta, tinha condições de atender casos de cirurgia até de média complexidade, na já bem equipada Santa Casa de Misericórdia.

A pedra fundamental da Santa Casa foi lançada em 23 de março de 1941, em uma cerimônia marcada para as 15 horas, mas não deu certo: caiu um temporal. A cerimônia só aconteceu às 16:30.

Logo em 10 de agosto de 1941 já houve a grande festa comemorativa do final da obra de cobertura da Santa Casa. A Voz do Povo, jornal da época, noticiava que compareceram mais de 300 pessoas com representantes de todas as classes sociais.





Ourinhos era tão pequena que a banda para a festa veio de Ipaussu.

A administração ficou a cargo das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, que em 1945, quando fui operado, tinham experiência e grande capacidade.

Vários deste grupo passaram por lá. O Carlos Ostronoff, para a cirurgia de uma hérnia escrotal, pelo próprio doutor Hermelino. Minha prima Poliana, de apendicite. O Marão, também de apendicite.

E as irmãzinhas ajudavam muita gente, de outras formas. Quando o padre Felipe Dimant chegou em Ourinhos para lecionar inglês, foi muito bem recebido por elas.

É, o padre Felipe morava na Santa Casa.





## Chás e benzeduras, a saúde na Vila

*Euclides Rossignoli*

Antes de entrar para o grupinho, em 1946, tínhamos muito tempo para brincar.

As crianças brincavam jogando futebol com bola de meia. Jogavam bolinha de vidro. Caçavam os pobres passarinhos com estilingue: rolinha, tico-tico, tiziu, chupim, sanhaço, bem-te-vi, sabiá, curruíra, anu-preto. Brincavam rodando pião. Subiam em árvores, iam ver matar boi no matadouro, rodavam arco, pulavam sela, faziam guerra de mamona, brincavam de bilboquê. Não faltavam brincadeiras.

Mas havia também coisas ruins naquele tempo.

Não havia vacinas, exceto para a varíola.

Eram comuns as mortes por sarampo, tétano, difteria, crupe. A varicela e a tosse comprida (coqueluche) também castigavam a criançada.

Eram tempos difíceis --- a Segunda Guerra Mundial só acabou em 1945. Os medicamentos eram poucos e duvidosos.





A maioria das famílias da Vila acreditava e recorria aos chás (camomila, hortelã, erva-cidreira, boldo, erva-doce, losna, poejo, arruda) e às benzeduras.

Dona Filéia era uma conhecida benzedora.

Minha mãe benzia mau jeito:

- “O que que eu coso? Rendidura destroncada.  
Nervo torto, carne triada, osso rendido ...”





## Padre Duílio caiu do céu

*Vera Lúcia Mandolini Marcatti*

Dona Rosinha já tinha feito tudo que tinham ensinado e a menina continuava queimando de febre:

- Nada que me falam pra fazer dá certo...

Nisso, alguém chama lá do portão:

- Dona Rosinha!?

- Padre Duílio? Como o senhor veio aqui bem agora? Foi Deus que mandou!

- Eu vim falar com o Sebastião, ele está?

- Não, tá trabalhando, mas o senhor caiu do céu! Eu preciso levá a Carmen no médico ou na farmácia do Mirto.

- Eu levo a senhora e a menina, tô com o jipe parado aí na frente.

- Obrigada, vou chamar a cumade Hermínia pra ficar com as outras crianças que não podem ficar sozinhas e nós já vamo padre. Deus lhe pague.

E lá foi a Rosinha com a menina no colo, ardendo de febre!





- Onde é melhor, padre, no Dr. Monzilo ou direto na farmácia?

- Onde está o Dr. Monzilo nesse horário, a senhora sabe?

- No consultório ou na casa dele, deve ser.

Acharam o médico, a menina foi examinada. Era só garganta inflamada. Receitou um antibiótico.

No retorno para casa, no jipe do padre, passaram na farmácia do Milton. A Carmem estava medicada. Dois dias e tudo volta ao normal, até a próxima febre de alguma criança.

E o que será que o padre Duílio queria falar com o Bastião?

